

O Paradoxo das Oportunidades.
Jovens, relações geracionais e transformações sociais
– notas sobre Cabo Verde

Filipe Martins
(CRIA-IUL)



WORKING PAPER 4

**O Paradoxo das Oportunidades.
Jovens, relações geracionais e transformações sociais – notas
sobre Cabo Verde**

Filipe Martins

Instituto Superior de Ciências do Trabalho e da Empresa – Instituto Universitário de Lisboa
Escola Superior de Educação – Instituto Politécnico de Viana do Castelo
Centro em Rede de Investigação em Antropologia
Centro de Estudos Africanos da Universidade do Porto

filipemartins79@gmail.com

2010

Citar como/Please quote as: Martins, Filipe. 2010. O Paradoxo das Oportunidades. Jovens, relações geracionais e transformações sociais – notas sobre Cabo Verde. *Working Paper CRIA 4*, Lisboa.

RESUMO: Em Cabo Verde nas últimas décadas os jovens têm ganho saliência como um grupo e como uma categoria sociais de importância crescente. A sua importância é não apenas demográfica, mas também política, económica e simbólica. Partindo de dados etnográficos recolhidos no contexto urbano cabo-verdiano, este texto propõe uma análise que coloca a categoria de “jovens” como eixo de compreensão / revelação das estruturas sociais contemporâneas e das suas transformações e continuidades. São confrontados os discursos dominantes sobre os jovens com os discursos dos próprios jovens, sobressaindo uma visão paradoxal das oportunidades disponíveis, que parecem crescer ao mesmo tempo que parecem tornar-se cada vez mais escassas. No contexto das transformações recentes na sociedade cabo-verdiana, propõe-se uma interpretação deste paradoxo à luz de uma etnografia que revela os jovens como actores sociais e que dá conta dos seus constrangimentos, das suas expectativas face ao futuro e das suas opções de vida. Esta análise permite apontar uma explicação geracional e histórica para o aparente paradoxo das oportunidades e realçar a crescente ambiguidade e incerteza associada à condição juvenil contemporânea em Cabo Verde.

PALAVRAS CHAVE: juventude; oportunidades; geração; percurso de vida; incerteza.

ABSTRACT: In Cape Verde in recent decades, young people have gained salience as a group and as a social category of growing importance. Its importance is not only demographic, but also political, economic and symbolic. Based on ethnographic data collected in the urban context of Cape Verde, this paper proposes an analysis that puts the category of "young" as the axis of understanding the contemporary social structures and their changes and continuities. The dominant discourses about young people are confronted with the discourse of young people themselves, highlighting a paradoxical vision of the opportunities available, which seem to grow and at the same time seem to become increasingly scarce. In the context of the recent changes in Cape Verdean society, it is proposed an interpretation of this paradox in light of an ethnography that shows young people as social actors and that takes into account their constraints, their expectations towards the future and their life choices. This analysis allows us to point a generational and historical explanation for the apparent paradox of the opportunities and highlights the growing ambiguity and uncertainty associated with the condition of youth in contemporary Cape Verde.

KEYWORDS: youth; opportunities; generation; life course; uncertainty.

Nunca houve tantas oportunidades para os jovens em Cabo Verde, o problema é que os jovens não as querem aproveitar porque estão interessados em fazer outras coisas.

Sidónio Monteiro
Ministro da Juventude e Desportos
em declarações à TCV por ocasião do Dia Mundial da Juventude (12/08/2009)¹

Comentários (no blog):

*Mr.SitDown, vai aqui uma mensagem para ti (sim, sei que visitas o Margoso)
Sou jovem, nunca fizeste nada por mim. Nem tu, nem a oposição, nem o situação (talvez nem os outros que hão de vir). Aliás fizeram sim, só asneiras. Vai mais é p..c.....com as tuas insanidades(sim, leste bem)*

Por exemplo, ontem é que te lembraste dos jovens do surf e bodyboard que há mais de uma década tem ido contra tudo e todos para praticar esses desportos. Já te chamei a atenção sobre isso e continuas travesso. Serão essas as outras coisas que os jovens querem fazer. Se for a isso que te referes, eles têm feito muito bem.

Pessoas como tu que tiveram essa pasta na mão deviam ficar contentes pela dinâmica que nós jovens temos neste país das bananas (desculpem lá patrícios).

No outro dia eu dizia a um amigo meu que muitos da vossa geração sr. sitdown, não querem (porque não querem) passar a tocha para os mais novos. Mas não te preocupes, nem te incomodes. Vamos nos encarregar de toma-la a força se é isso que queres (estilo caçu). Talvez os jovens deste país deviam arquitectar um golpe de estado. Só desta forma seriam respeitados e levados a sério por inconsequentes como vocês. Sim, só isso poderia te convencer que os jovens do país tem capacidade, tem feito e vão sempre fazer pelo país. Até parece que sempre foste este velho rabugento e nunca foste da minha idade.

Olhe que as eleições vêm aí e tu de certeza pagarás por isso. Falei e disse. Agora mexe os teus pauzinhos para veres que não dá em nada mexer neles. Comigo não podes. Sabes muito bem. E mais! Tenho coleões jovens o suficiente para assinar por baixo,

G.Silva

*Nunca houve tantas oportunidades *(de entrar no narcotráfico, prostituição, delinquência, etc) para os jovens em Cabo Verde, o problema é que os jovens não as querem aproveitar porque estão interessados em fazer outras coisas (tais como esperar que oS*

¹ Fonte: <http://cafemargoso.blogspot.com/2009/08/sms-declaracao-cafeana.html>
(acedido a 14/08/2009)

governoS pensem neles) "

Macna de Cafe

Eu só tenho um único comentário a fazer sobre essa informação: pimenta nos olhos dos outros é refresco!

Pois é, é fácil crescer viver como jovem, tendo os papás como Ministro/a das não-sei-quantas. Ai não faltam opções: vida boa, carro aos 16 anos, dinheiro na bolso pa paródia, gajas/os boas, e no fim a cereja em cima do bolo, um belo curso superior com boa bolsa e um futuro emprego garantidíssimos.

Esse senhor que me pergunte em que condições cresci e estudei que lhe dava uma bela resposta!

Malaguitinha

Oportunidade:

➤ *qualidade de oportuno; ocasião favorável; ensejo; possibilidade de fazer algo*²

➤ *caminhos; futuros; perspectivas*³

Actualmente a ideia de oportunidades é recorrente nos discursos sobre os jovens e nos discursos dos próprios jovens em Cabo Verde. Escutando diversos profissionais que trabalham com jovens, professores, técnicos de acção social, psicólogos ou responsáveis de instituições educativas, sobressai uma visão negativa sobre a juventude. Indolentes, ociosos, irresponsáveis, sem regras e sem objectivos, são algumas das ideias mais recorrentes, pintado um quadro em que os jovens parecem não querer aproveitar as crescentes oportunidades que lhes são oferecidas. Porém, dando a voz aos próprios jovens é exactamente a noção de ausência de oportunidades que mais se destaca. Questionados sobre os obstáculos que encontram nos seus percursos de vida, invariavelmente a expressão “falta de oportunidades” é evocada. Qual o significado desta contradição? Este aparente paradoxo entre crescentes oportunidades e crescente falta delas torna, na minha perspectiva, um olhar sobre os jovens e sobre a categoria de “juventude” num enfoque privilegiado para uma análise sobre a sociedade cabo-verdiana contemporânea, suas transformações e suas continuidades.

Fruto de um trabalho educativo que venho desenvolvendo com jovens em contexto associativo em Cabo Verde desde 2002, e em particular a partir da consciência das suas lacunas e debilidades, assumi a tarefa de realizar uma pesquisa aprofundada sobre a realidade vivida pelos jovens neste país e as vias pelas quais eles imaginam,

² in Dicionário da Língua Portuguesa, 2009, Porto Editora

³ in Dicionário Priberam da Língua Portuguesa, www.priberam.pt/DPLP/ a (acedido a 04/09/09)

negoceiam e constroem os seus percursos de vida. A pesquisa, ainda em curso, tem um carácter eminentemente etnográfico, sendo complementada por um inquérito escrito administrado a 197 jovens, a recolha de entrevistas semi-estruturadas a diversos actores locais em ligação com os jovens e ainda a recolha de histórias de vida a 22 jovens (9 raparigas e 13 rapazes entre os 16 e os 32 anos de idade). Dada a crescente urbanização do país, o local seleccionado para a pesquisa foi a cidade do Mindelo, na ilha de São Vicente, o segundo maior pólo urbano do arquipélago com cerca de 78.000 habitantes (numa população nacional de cerca de 500.000 habitantes). A etnografia, realizada ao longo de 6 meses de residência na cidade, teve como ponto de ancoragem uma associação juvenil sedeadada e actuante em duas zonas da periferia sudeste da cidade, a partir de onde me foi possível construir relações aprofundadas com um conjunto diversificado de jovens dessas zonas – zonas de habitação maioritariamente espontânea e com uma população pertencente aos estratos socioeconómicos médio e baixo – assim como contactar outros jovens, organizações, profissionais e instituições da cidade e do país.

Paradoxo de oportunidades numa sociedade em transformação

Na abordagem etnográfica inicial revelou-se incontornável o desencontro entre os discursos sobre os jovens e os discursos dos próprios jovens, entre as oportunidades que aumentam e as oportunidades que faltam. Impunha-se então a pergunta: oportunidades para quê? Aparentemente a resposta que recolhi era a mesma, quer do lado das “oportunidades crescentes” quer das “oportunidades ausentes”. Tratava-se essencialmente de oportunidades de educação e de formação, oportunidades de emprego ou de criação de um negócio, oportunidade de obter uma habitação própria, oportunidades de criação de uma família, oportunidades de expressão e de desenvolvimento individual e colectivo. Paradoxalmente todas estas oportunidades parecem crescer e ao mesmo tempo parecem escassear actualmente em Cabo Verde. Como se explica este “paradoxo das oportunidades”?

As estatísticas e os relatórios oficiais, nacionais e internacionais, são claros. Nas últimas décadas, após a independência nacional (a 5 de Junho de 1975), Cabo Verde tem registado melhorias substanciais em todos os indicadores, seja eles relativos ao crescimento económico e ao rendimento *per capita*, à literacia e ao acesso à educação básica e secundária pública (mais recentemente também à educação superior), à saúde pública e ao acesso a cuidados de saúde básica, ao desenvolvimento de infra-estruturas de transporte e comunicação, ao desenvolvimento do sector da administração pública e ao sector empresarial e de mercado, ou ainda à criação e estabilidade de um sistema político de democracia parlamentar (desde 1991) e à organização e participação da sociedade civil.

Em pouco mais de três décadas registou-se uma viragem liberal no país (mais expressiva após a abertura política de 1991), alinhada com as agendas das grandes organizações internacionais e sustentada pela ajuda destas, tendo como corolário o rápido desenvolvimento de uma economia de mercado essencialmente assente nos

sectores do comércio e serviços e no turismo internacional. Paralelamente, desde a independência que os consecutivos governos têm assumido como estratégia basilar de desenvolvimento num estado sem recursos naturais o investimento nas pessoas. Desde Amílcar Cabral (fundador do Partido Africano para a Independência da Guiné de Cabo Verde, em 1960) a José Maria Neves (actual primeiro ministro de Cabo Verde) que a educação e a formação se tornaram centrais. E com efeito desde a década de 1990 que em Cabo Verde o acesso ao ensino básico é virtualmente universal e o acesso ao ensino secundário, que no período colonial estava à disposição de uma minoria de famílias ligadas ao comércio ou à administração, tem nos últimos anos crescido exponencialmente, hoje com pelo menos um liceu em cada concelho do país e com a maioria dos jovens do país possibilitados de o frequentar.

Num território como Cabo Verde – marcado pela escassez de recursos naturais, por recorrentes períodos de seca e fome e onde centenas de anos sob o domínio colonial português, caracterizado pelo abandono e sub-investimento, nunca lograram inverter o quadro de pobreza crónica que afectava a maioria da população – estas recentes e rápidas mudanças não puderam deixar de ter um impacto importante. A crescente acessibilidade a oportunidades de educação e formação, acompanhada pela também crescente disponibilidade de bens e serviços de consumo e uma maior facilidade de conexão global através dos meios de transporte e das telecomunicações, inevitavelmente alteraram as referências socioculturais disponíveis e, conseqüentemente, as aspirações e as ambições de vida da generalidade da população. Importa porém perceber se tais aspirações encontram lugar para se realizar na realidade social contemporânea de Cabo Verde.

Com efeito, acompanhando as transformações descritas, outras mudanças ocorreram. Desde logo ao nível demográfico o país registou um crescimento muito intenso nas últimas décadas, com uma população que cresceu de 200.000 habitantes em 1960⁴ para 500.000 em 2008⁵. Este crescimento foi acompanhada por uma juvenilização da população, sendo que actualmente 59% dos habitantes de Cabo Verde têm menos de 25 anos de idade⁶. Paralelamente, num país com uma forte tradição rural, hoje 60% da população reside em núcleos urbanos⁷. Estes factores demográficos têm inevitavelmente como resultado uma forte pressão juvenil no espaço socioeconómico e cultural do país, com especial expressão nos seus principais centros urbanos.

Não obstante o aumento significativo da oferta educativa no sector público, a procura dos jovens suplanta actualmente a oferta ao nível do ensino secundário e em particular no ensino superior. O sistema de ensino secundário público encontra-se sobrelotado e vê-se obrigado a recorrer a estratégias de filtragem dos alunos através da imposição de idades máximas e limite de reprovações em cada ciclo, e não oferece alternativas para os alunos excluídos. Tais medidas levam à proliferação de escolas

⁴ FAO, 2005 (in http://pt.wikipedia.org/wiki/Demografia_de_Cabo_Verde, acedido a 04/06/09)

⁵ INE Cabo Verde (in <http://www.ine.cv/indexBDeo.aspx>, acedido a 04/06/09)

⁶ INE Cabo Verde (in <http://www.ine.cv/indexBDeo.aspx>, acedido a 04/06/09)

⁷ INE Cabo Verde (in <http://www.ine.cv/indexBDeo.aspx>, acedido a 04/06/09)

secundárias privadas, cuja propina mensal pode equivaler a mais de metade do salário médio em Cabo Verde. No ensino superior, embora tenha havido um incremento recente do número de universidades e de cursos oferecidos no país, a diversidade de opções em território nacional continua reduzida face às aspirações dos jovens. Paralelamente verifica-se um decréscimo das bolsas de estudo oferecidas pelo Estado para estudar no estrangeiro e nas universidades nacionais o valor das propinas, mesmo na universidade pública, está fora das possibilidades de uma larga maioria de famílias. Não obstante, crescem no país as universidades privadas e as ofertas de empréstimos bancários aos estudantes, tal é a aspiração dos jovens e das famílias actualmente para a obtenção de qualificações superiores. Face a este quadro, o discurso oficial actual tende a valorizar a formação profissional técnica, mas este é ainda um sector frágil, descoordenado e desvalorizado socialmente.

Por seu lado, mesmo se o sector económico tem vindo a expandir-se significativamente nas últimas décadas, o mercado de trabalho no país continua reduzido face à pressão demográfica. A falta de emprego marca de forma profunda a sociedade cabo-verdiana, tornando-se num dos seus problemas sociais mais expressivos. No espaço de uma geração verificou-se uma passagem de um contexto em que um diplomado de liceu tinha assegurada uma integração nos quadros da administração pública ou do sistema de educação, para a realidade presente em que um crescente número de jovens mesmo com qualificações universitárias, adquiridas tanto no país como no estrangeiro, não tem garantias de inserção profissional. Com efeito, o desemprego em Cabo Verde afecta maioritariamente os jovens (41,8% na população entre 15 e 24 anos de idade)⁸ mesmo entre os licenciados, e muitas são obrigados a prolongar por muitos anos uma situação de dependência económica face aos familiares (no país ou emigrados) ou a ingressar num ciclo de trabalho precário, informal e muito mal remunerado.

Num quadro em que a economia nacional permanece altamente dependente da ajuda internacional e das remessas dos emigrantes, em que a produtividade local é baixa e a maioria dos bens é importada, tornou-se inevitável uma escalada dos preços de bens como a alimentação, a habitação, o transporte e as comunicações. Por outro lado, a mesma frágil economia é incapaz de sustentar um sistema de protecção social que apoie os grupos mais desfavorecidos da sociedade, entre os quais se encontram os jovens. Assim instala-se em Cabo Verde uma marcada desadequação entre o elevado custo de vida e o reduzido valor das remunerações médias praticadas e dos apoios conferidos, sendo a crescente vulnerabilidade económica de muitos jovens a sua mais clara expressão.

Durante centenas de anos, face às precárias possibilidades de subsistência no arquipélago, a alternativa encetada por muitos dos seus habitantes foi a procura de oportunidade de construir “uma vida melhor” noutros locais do mundo, originando assim um padrão de emigração que se reproduziu ao longo das gerações. Tal dinâmica levou a que hoje sejam mais os nacionais cabo-verdianos a viver no estrangeiro do que

⁸ INE Cabo Verde, 2007

aqueles que residem no território nacional. Contudo também nesta alternativa de “fazer a vida” (Akesson, 2004) se verificaram mudanças recentes. Num contexto de endurecimento das políticas imigratórias dos países europeus e norte-americanos, as possibilidades de emigrar para estes destinos mais afluentes foram enormemente reduzidas através da complexificação e exigência dos procedimentos de obtenção de vistos e com o recrudescimento da vigilância e policiamento das fronteiras. Em Cabo Verde, como noutros locais do mundo, rompeu-se assim uma das estratégias mais importantes de subsistência e de mobilidade social, assente na mobilidade internacional. Como afirma Carling (2002), cresce o fosso entre a aspiração “para emigrar, que se mantém ou até aumenta, e a “capacidade” real para tal, que vem diminuindo principalmente para os mais pobres – os que mais dependeriam dela – configurando-se na contemporaneidade aquilo que o autor designa de uma “era da imobilidade involuntária”.

O lugar paradoxal da juventude

No contexto das mudanças descritas, cria-se assim na sociedade cabo-verdiana um novo lugar social para os jovens, mas um lugar de natureza paradoxal. Com efeito crescem, de facto, as oportunidades de realização dos jovens nos domínios da educação, do trabalho, da comunicação, do consumo e do lazer. Contudo, face à pressão demográfica destes, os frágeis sistemas económico, educativo e de protecção social do país ainda não são capazes de responder às aspirações juvenis de obtenção de um emprego estável, de uma habitação própria e de estabelecimento de uma família.

No seio desta contradição entre aspirações e frustrações, ou precisamente por causa dela, os jovens, como grupo – a juventude – têm vindo a adquirir um novo protagonismo político, cultural e mesmo simbólico no espaço público cabo-verdiano (Martins, no prelo). Seja pela pressão que exercem no sistema educativo e no mercado de trabalho, seja pela grande visibilidade das suas práticas colectivas, formais ou informais, de cariz expressivo, desportivo ou comunitário, seja devido a novas opções estéticas, de consumo e de estilo de vida que assumem, seja pelo aumento da violência e da criminalidade praticada por jovens, ou simplesmente pela sua ostensiva e ociosa presença nas ruas, esquinas e praças das cidades, os jovens tornam-se o foco privilegiado das preocupações, do investimento e da exigência de muitos adultos e de muitas instituições.

Esta forte presença pública dos jovens relembra diariamente à sociedade cabo-verdiana o peso da sua juventude e a sua realidade. Nas pessoas mais velhas evoca imagens e discursos contraditórios, entre a esperança no futuro e a crise do presente, entre medos e projectos. Nas vozes de muitos adultos os jovens actuais são tanto os portadores do desenvolvimento futuro da nação como os irresponsáveis e desocupados do presente que só querem “paródia” e que contribuem para o crescimento dos novos “males sociais” na tradicionalmente harmoniosa sociedade cabo-verdiana – a toxicod dependência, o alcoolismo, a prostituição, a criminalidade e a delinquência, as doenças sexualmente transmissíveis e a gravidez precoce. Estas imagens de crise social

por sua vez convocam um discurso moralizador sobre a juventude: dos jovens é esperado um comportamento “responsável”, exigido um empenhamento pessoal (escolar, laboral, familiar) e cívico (cidadania, voluntariado, protecção do ambiente) e uma moralidade social (respeito pelos mais velhos, pelas instituições, pelas hierarquias) e sexual (essencialmente as meninas devem evitar a natural sedução masculina (Guifreé, 2005)). Por conseguinte em Cabo Verde a juventude parece representar tanto a esperança no futuro – e por isso são o grupo-alvo do investimento de instituições e da retórica política – como os medos do presente – tomados como a manifestação do que está errado na sociedade, foco de pânico moral e alvo de críticas e exigências morais, cívicas e sexuais.

Construindo percursos de vida

Face a este lugar paradoxal, apenas esboçado aqui nos seus traços gerais, importa então compreender como experimentam os jovens estas contradições no quotidiano e como constroem a partir delas os seus percursos de vida.

A Denise é uma jovem que reside na periferia do Mindelo e está à procura de emprego...

A Denise terminou o ensino secundário há 2 anos e ainda não encontrou nenhum emprego.

Mas ela por precisar muito de emprego nunca desiste, desta vez ela foi inscrever-se no Centro de Emprego de Mindelo para ver se desta vez tem alguma sorte...

Embora não tenha encontrado nenhuma formação que levasse à sua “área” teve de ficar sem o que ela gosta de fazer mas que lhe possa ajudar por enquanto. Ela decidiu fazer uma formação de enfermagem e vai tentando levar.

Por falta de opção ela teve de se adaptar ao que tinha, mas não desiste nunca de um dia fazer o que realmente quer e gosta... Pois a esperança é a última coisa a morrer.

Passado um tempo ela terminou a sua formação e ela foi logo enquadrada no Centro de Saúde onde começou a exercer a profissão de enfermeira...

Mas é claro que ela nunca desistiu de fazer o que realmente ela queria que seria engenharia. Embora trabalhasse como enfermeira ela sempre tentava algo que lhe levasse de facto à sua área de engenharia. Pois como dissemos antes, a esperança é a última a morrer!

A Erica é uma jovem que reside na periferia do Mindelo e está à procura de emprego...

Ela tem 19 anos e já tem 2 filhos cada um com um pai.

Entretanto nenhum dos pais dos seus filhos ajuda-a com os filhos. Ela desesperada começou vendendo drops e outras guloseimas na rua. O pouco dinheiro que ela tira da

venda não lhe ajuda muito com as muitas despesas que tem e começa pensando no que vai fazer para sustentar os filhos.

Sustentar os filhos sem trabalho, sem os pais dos seus filhos, a vida está muito difícil.

A Erica encontra um homem que gosta realmente dela mesmo não sendo o pai dos filhos dela, a ajuda a sustentar os filhos e mais as despesas da casa.

Mas o problema é que este homem também tem sua família, isto é, tem uma mulher e filhos...

...E a relação acaba por chegar ao fim e a Erica vê-se de novo com o mesmo problema e ela decide pedir ajuda a uma tia que lhe aconselha a colocar os filhos no Centro Nhô Djunga [centro de acolhimento e formação profissional de crianças e adolescentes pobres ou abandonados] e procurar emprego. Ela decidida a dar uma vida melhor aos filhos segue o conselho da tia e começa procurando emprego, bate em todas as portas e não desiste...

As vidas da Denise e da Erica não são reais, mas poderiam sê-lo. As suas histórias foram criadas por um grupo de jovens meninas⁹ num dos centros juvenis da associação com a qual trabalhei durante a minha pesquisa. A meu pedido, estas meninas criaram uma história para cada personagem a partir da mesma frase inicial. No final todas concordaram que estas seriam histórias realistas, vidas que poderiam existir de facto no Mindelo.

Entre a escola e o trabalho

As histórias de Erica e Denise demonstram bem a necessidade que os jovens têm de encontrar trabalho e a falta de oportunidades para tal. O percurso de Denise em particular fala de um crescente número de jovens com educação secundária completa que aspira a obtenção de qualificações superiores e a uma realização profissional na “área” da sua preferência, mas que dificilmente os atingem, tendo de “adaptar-se ao que tem”, ou seja, ao desemprego prolongado, a trabalhos pontuais e precários, ou a profissões que não vão de encontro aos seus desejos. Histórias com a de Denise não são raras entre os jovens que pude conhecer e acompanhar nas periferias do Mindelo, como a de Maria¹⁰, de 21 anos, com 12º ano de escolaridade, a viver actualmente com o pai, 3 irmãos mais velhos e 2 sobrinhas e a trabalhar como auxiliar num dos centros juvenis da associação que acompanhei.

[Tu queres estudar na universidade?]

⁹ Um grupo de cerca de 8 meninas, entre os 14 e os 22 anos de idade, todas residentes na zona da Ribeira de Craquinha, periferia da cidade do Mindelo. Este grupo formou-se em torno de uma “sala das meninas” criada no centro juvenil para acolher iniciativas femininas. A actividade deste grupo foi sempre muito inconstante.

¹⁰ Para proteger a privacidade dos informantes todos os nomes são fictícios.

Eu acho que sim, eu quero.

[Porque é que ainda não foste?]

Hum... não sei. Às vezes é falta de... Tenho vontade de dar um tempo, terminei a escola e quis dar um tempo... e eu não tenho muito apoio assim para a coisa... o meu pai é que nos criou a todos (...)

[Passaste alguma necessidade ou sempre conseguiram ter...?]

Sim, sempre as minhas irmãs ajudam. Eu tenho muita família fora, a maioria da minha família está fora. Eles querem ajudar-me, agora eu estou à espera.

[Precisavas da ajuda para a universidade?]

Sim.

Também o percurso de Lourenço, de 27 anos, revela de forma clara as dificuldades de acesso à educação e ao trabalho de muitos jovens do Mindelo. Para poder frequentar o único curso de Psicologia disponível na cidade, numa universidade privada, Lourenço trabalhou durante dois anos, 8 horas por dia, 7 dias por semana, numa empresa de segurança. Mesmo assim o salário de 1 mês não chegava para pagar a propina mensal e ele tinha poucas possibilidades de apoio de familiares. Numa reunião em que a Directora Geral da Juventude (do Ministério da Juventude e Desportos) se deslocou à cidade do Mindelo com o propósito de consultar os jovens sobre as suas necessidades, Lourenço expôs o seu caso ressaltando o desfasamento entre os salários praticados e o preço das propinas no ensino superior. Questionando directamente a directora sobre os apoios que poderia esperar da parte do Estado para continuar a estudar, esta respondeu peremptoriamente que ele não mereceria qualquer apoio visto ser um “privilegiado” por já frequentar a universidade. Actualmente Lourenço suspendeu a sua matrícula na universidade e dedica-se a acções de voluntariado enquanto procura um novo emprego.

Articulando família e mobilidade

A história de Erica apresenta uma outra realidade, também frequente, que é a de muitos jovens que têm filhos no decurso da sua juventude mas que não chegam estabelecer relacionamentos estáveis com os seus companheiros nem conseguem construir novos núcleos familiares. Com efeito no Mindelo a parentalidade na juventude está muitas vezes desfasada de outras transições importantes no percurso dos jovens para a idade adulta, como a conclusão dos estudos, a entrada no mercado de trabalho formal, a residência numa habitação própria ou a construção de um núcleo familiar autónomo. Neste contexto a parentalidade, embora possa ser assumida como um marco simbólico de transição para a vida adulta, contribui mais para aumentar a dependência dos jovens face aos seus pais ou outros familiares, especialmente no caso das jovens mães, culturalmente mais responsabilizadas pelo cuidado dos filhos.

Nestes casos, como mostra a história de Erica, a necessidade de encontrar um trabalho – e a assumpção dessa responsabilidade – é ainda maior, podendo levar muitos jovens a sujeitar-se a trabalhos informais e precários, a desistir do seu percurso escolar ou mesmo a abandonar a cidade ou o país em busca de mais oportunidade de emprego. Nestes casos, é prática recorrente os seus filhos serem confiados ao cuidado das avós, principalmente as maternas, enquanto os filhos (mas principalmente as filhas) buscam fora de casa recursos para sustentar não só os seus filhos mas também os seus pais. Assim perpetua-se um padrão tradicional de negociação entre gerações, em que os núcleos familiares são preferencialmente organizados em torno da descendência em detrimento da aliança, reforçando os elos entre as gerações como forma de sustentabilidade e continuidade familiar, mesmo que tal implique o distanciamento geográfico de uma das gerações (Lobo, 2008; Rodrigues, 2007). O percurso de Flora, com 32 anos, o 9º ano de escolaridade, e que vive com a sua mãe e com a sua filha de 6 anos, ilustra bem este padrão:

Trabalhei numa clínica, depois num lugar de venda de gelados, depois numa pizzaria, depois com uma brasileira onde aprendi a fazer unhas, sempre em São Vicente. (...) Agora trabalho em casa a fazer unhas. Não dá para viver. Vivo com a minha mãe. Não consegui ter uma casa própria. (...) Mamã diz que para eu sair tenho de viajar, ir ter com os meus irmãos, fazer a minha vida. Mas parece que agora temos de sair (...). Porque agora chegou a idade para ir trabalhar mesmo e conseguir tudo o que eu quero, não é? E se eu sair a minha mãe não pode ficar na casa ela só, porque ela não sabe ler. Então ela vai para a América, ter com o meu irmão. Está meio certo. Para ela ir eu tenho de estar lá, porque tenho 2 irmãos no Luxemburgo, então eu tenho que ir primeiro, depois é que ela vai, para depois vermos o que vamos fazer com a casa, e essas coisas. Mas não quero muito... Vou porque aqui não posso arranjar um trabalho assim para poder sustentar a mim mais a minha filha, uma casa. Eu vou primeiro de depois a minha filha vai. Entretanto fica com a sua avó de banda de pai. (...) Estou arrependida de não ter estudado, tinha tido muitas chances de estudar mas... Nunca consegui ter dinheiro para pagar a escola de noite [escola privada].

Em casos mais raros – mas crescentes – de ausência de redes familiares de apoio, como na história de Erica, muitas jovens mães vêm-se forçadas a deixar os seus filhos virtualmente abandonados em casa ou nas ruas ou optam por os entregar às poucas instituições de protecção social existentes na cidade, substituindo assim a negociação entre gerações pela negociação com as instituições do Estado ou da sociedade civil. Porém, dada a sua fragilidade e descoordenação, estes novos parceiros têm-se revelado até agora bem menos eficazes na sua função de sustentabilidade familiar e de suporte individual.

Desejos certos e futuros incertos

Os finais das histórias de Denise e Erica revelam ainda outro aspecto importante. Ambas as histórias terminam em aberto, na indefinição e na espera. Tanto Erica como Denise não parecem ter certezas claras nem estratégias definidas face ao futuro. Porém

nunca desistem e continuam a acreditar que irão atingir os seus objectivos, realizar os seus sonhos – mesmo que os recursos que possuem para tal não sejam mais do que a insistência e a esperança.

Pude verificar através da pesquisa que muitos jovens do Mindelo apresentam semelhanças com as histórias de Denise e Erica quando se projectam no futuro, com certezas nos seus sonhos mas incertos quanto aos percursos. Os dados quantitativos obtidos através do inquérito por questionário que realizei com uma amostra alargada de jovens da cidade¹¹ são coerentes com estas observações. Os resultados revelam que os jovens têm ideais de realização futura genericamente elevados. Uma larga maioria dos inquiridos aspira a carreiras profissionais estáveis e qualificadas (professores e educadores, médicos, engenheiros, psicólogos e advogados) e espera auferir salários médios confortáveis face ao contexto socioeconómico de Cabo Verde, entre os 20.000\$00cv¹² e os 50.000\$00cv (32,1%) ou entre os 50.000\$ a 100.000\$00cv (44,6%). No plano familiar 82,9% dos inquiridos deseja ter filhos e, embora o casamento em Cabo Verde seja muito pouco frequente, 62,8% manifesta também o desejo de vir a casar. Sobre a residência os resultados são claros, com uma expressiva maioria de jovens (97,8%) a aspirar residir numa habitação própria, e de preferência em Cabo Verde. Com efeito, contrariando o tradicional *ethos* emigratório da sociedade cabo-verdiana, apenas 13,8% dos inquiridos deseja residir no estrangeiro no futuro, embora a emigração seja ainda uma alternativa considerada por muitos para obter trabalho e melhorar o nível de vida quando no país todas as portas se fecham. Porém, para concretizar as suas aspirações a confiança dos jovens na via da educação formal é preponderante: 65,4% espera que a conclusão do ensino superior lhes permita realizar os seus objectivos de futuro e 41% confia na formação profissional¹³. Outras estratégias aparecem como menos importantes mas ainda assim expressivas: 13,3% espera o apoio de pessoas conhecidas no ramo profissional que escolherem, 12,2% conta com a ajuda de familiares e 11,2% confia na sorte.

As biografias de muitos jovens que conheci nas periferias do Mindelo demonstram também estas tendências, articulando nos seus discursos as contradições entre as aspirações que têm e as oportunidades que vislumbram para as realizar. Como exemplos retomo os testemunhos de Maria e de Flora e apresento também o de Mac, um rapaz de 23 anos, com o 6º ano de escolaridade, actualmente desempregado, que vive com a mãe e que tem o pai emigrado nos EUA.

Maria

[Tens algum sonho ou algum objectivo já pensado?]

Ainda não, tenho de pensar (risos).

¹¹ Amostra de 197 jovens entre os 16 e os 35 anos de idade frequentadores de várias instituições educativas e sociais da cidade.

¹² 110\$00cv = 1€

¹³ Esta questão permitia a selecção de uma ou mais opções de resposta.

[Como achas que daqui a 10 anos vai estar a tua vida?]

Nunca pensei nisso, espera... Eu acho que quando tiver 31 anos tenho um filho. Deixa-me ver, já moro na minha casa, já tenho um emprego ou uma profissão. É isto que eu quero, mas não sei se vou conseguir realizar.

[Achas possível viver noutra país, ou queres ficar aqui?]

Eu gostava de ficar aqui, pronto, se eu achar oportunidade para estudar, eu quero ficar aqui na minha terra... mas se eu não achar oportunidade para estudar eu acho que é melhor sair fora.

Flora

[Como será a tua vida daqui a 10 anos?]

Vou estar com a minha casa, com o meu marido, com os meus filhos; mais só um filho, com o meu trabalho fixo. Gostava de fazer música, tocar e ensinar, porque eu gosto de ensinar tudo o que sei fazer.

(...)

[O que é tu achas que pode ser um obstáculo para atingires esses objectivos?... O que é que te tem dificultado a vida?]

A escola que eu não fiz. (...) Tinha de ir para uma escola de música.

[Mas para isso tinhas de encontrar um trabalho?]

Claro. Mas vou tentar fazê-lo lá, no Luxemburgo.

[Mas quando pensas na tua vida no futuro é aqui ou lá?]

Lá.

[Achas que já não vais voltar a Cabo Verde tão cedo?]

Para falar verdade acho que não vou voltar para Cabo Verde por um bom tempo, porque tenho tios que têm já 30 e tal anos lá e ainda não voltaram. Mas eu não sei, não sei.

Mac

[E daqui a 10 anos como é que tu achas que vai estar a tua vida?]

Eu acho que a minha vida vai estar “drêt”... com um rumo, já tenho como um rumo na vida.

[Achas que vais estar aqui em São Vicente ou na América?]

Isso eu não sei dizer, acho que posso estar lá ou posso estar aqui, mas vou continuar a lutar, lá ou aqui... continuar a pensar.

[Já vais ter filhos?]

Eu acho que sim.

[Quantos é que gostavas de ter?]

Três, quatro, mais nada.

[E vais querer estar na tua casa ou...?]

Claro, eu vou estar na minha própria casa, eu mais os que eu “crê tcheu”, tem de ser a mãe dos meus filhos.

[Queres estar junto de uma mulher?]

Sim, eu quero construir uma família só, não quero construir uma família lá outra aqui.

[Mas tu imaginas-te a casar?]

(...) eu quero ter uma pessoa comigo, eu quero casar... quero ter uma responsabilidade também, de casar com ela, porque... eu não sei mas gostava ter uma pessoa ao meu lado para o resto da minha vida, para estar comigo assim “drê”, para nós ficarmos juntos assim, para ficarmos muito tempo juntos.

Se as aspirações dos jovens são ambiciosas, as suas expectativas reais de futuro parecem contudo ser menos claras e os seus recursos para as atingir mais precários. Como descrevi anteriormente, as crescentes aspirações da maioria dos jovens do Mindelo confrontam-se com constrangimentos vários no acesso a recursos (educativos, laborais, de consumo, apoios sociais) que lhes permitam planear com um relativo grau de certeza os seus percursos biográficos futuros. Estes constrangimentos afectam ainda com mais intensidade os jovens das camadas mais empobrecidas da população, que grosso modo habitam nas zonas periféricas da cidade do Mindelo. Nestes casos é a incerteza que ganha espaço e o caminho para uma realização futura passa menos por planos e estratégias concretas e mais por uma vaga ideia de “luta” e pelo sentimento de esperança que, diz-nos a história de Denise, é “a última a morrer”.

Do paradoxo das oportunidades ao paradoxo das gerações

O paradoxo das oportunidades que procurei descrever aqui leva a que em Cabo Verde as aspirações dos jovens actuais sejam, num mesmo tempo histórico, ampliadas e logo confrontadas com o fracasso, e que nesse mesmo processo a juventude se torne um grupo social ao mesmo tempo autónomo e relevante no contexto nacional mas também um foco privilegiado de críticas e exigências moralizadoras por parte das gerações precedentes. Sob este prisma o paradoxo das oportunidades aqui analisado deixa entrever na sua raiz um outro paradoxo presente na sociedade cabo-verdiana, um paradoxo de natureza histórica e geracional.

Com efeito a geração agora adulta, que viveu a sua juventude durante as transformações do período da luta pela independência nacional e que assumiu os desafios do pós-independência, conseguiu abrir rapidamente Cabo Verde aos contributos

das tendências económicas e culturais globais das últimas 3 décadas e, por consequência, logrou ampliar efectivamente o campo das possibilidades (educativas, económicas, sociais) no país. Paralelamente, em consonância com as transformações que se foram operando ao longo desse percurso, esta geração foi também consolidando um modelo cultural de respeitabilidade e de mobilidade social assente essencialmente no esforço individual e na educação formal. Assim, na actualidade a relação entre as gerações jovem e adulta encontra-se definida por este modelo cultural: é este o quadro de referências e de estratégias que a geração adulta tem para oferecer à juventude e é este o modelo que esperam que seja assumido e perpetuado pelos jovens.

Na minha perspectiva é justamente aqui que o paradoxo das oportunidades se torna compreensível à luz das relações geracionais. Não porque se configure em Cabo Verde um quadro de conflito de gerações. Aos jovens que conheci interessa pouco opor-se ou resistir aos valores e aos ideais instituídos pelas gerações anteriores. Pelo contrário, procurei aqui demonstrar que a maioria dos jovens se identifica com a generalidade dos valores e das instituições do mundo “adulto” e deseja para si os mesmos ideais. Mas é exactamente por isso que o paradoxo das oportunidades ganha uma dimensão geracional, uma vez que o contexto actual em Cabo Verde legitima tanto o crescimento das aspirações dos jovens como o crescimento das exigências dos adultos, mas paradoxalmente não oferece condições objectivas para a realização de nenhuma delas – das aspirações de uns e das exigências de outros. Como se a relação entre as gerações estivesse ancorada num engano, sem um substrato material que fundamente as posições de ambos, e é exactamente devido a esse engano que se perpetua este desencontro entre aspirações, exigências e oportunidades de realização.

Considerações finais: ambiguidade, incerteza e esperança

Este contexto paradoxal coloca os jovens no centro das contradições estruturais, geracionais e históricas da sociedade e exige deles um complexo papel de mediação – entre passado e futuro, tradição e modernidade, projectos e exigência, sonhos e medos (Martins, no prelo). Em Cabo Verde, como aliás noutros lugares do mundo globalizado, parece estar reservado aos jovens um lugar contraditório, marcado pela ambiguidade, fruto da crescente dificuldade de efectuarem as transições para o estatuto e para os papéis sociais de adultos através das vias formais – trabalho, família, habitação – instituídas pela próprio mundo “adulto”. Consequentemente muitos jovens vêm assim prolongada indefinidamente a idade da juventude, experienciada como uma moratória social (Vigh, 2006) marcada pela incerteza.

Conhecendo e acompanhando diversos jovens no Mindelo pude compreender que estes lugar sociológico paradoxal em que habitam é por muitos efectivamente internalizado, e as contradições descritas e a ambiguidade que delas resulta estão presentes nas suas visões de si e da sociedade e marcam a suas escolhas e percursos. Muitos jovens confirmam uma visão da juventude como irresponsável, preguiçosa e festiva e evocam o desejo de liberdade e de intensidade. Porém, ao mesmo tempo reivindicam e assumem responsabilidades, muitas vezes invisíveis ou desvalorizadas,

como o empenho no estudo, o apoio à família e o envolvimento comunitário. Oscilam entre um desejo de permanecer jovens “em espírito” e o objectivo de atingir a autonomia da idade adulta, o mais das vezes marcada por dificuldades e frustrações. Desacreditam os políticos e criticam as instituições, mas apresentam uma capacidade de organização frágil e formas de reivindicação e intervenção superficiais e de curto alcance. Desejam uma casa própria, um emprego e uma família estável, mas divagam entre trabalhos precários, estágios não remunerados e (im)possibilidades de emigração. Experimentando relacionamentos de intimidade instáveis e desconfiados, oscilam entre o desejo e o orgulho de ter filhos e a incapacidade de os sustentar independentemente...

Assim, para muitos dos jovens do Mindelo, em especial para aqueles que habitam nas periferias pobres da cidade, os percursos de vida aparecem como uma trajectória incerta, de natureza labiríntica (Pais, 1999 e 2003), determinados de um lado pelos constrangimentos socioeconómicos do presente e de outro pelos ideais instituídos pelas gerações anteriores e pelas referências globais. Entre estes dois pólos os jovens oscilam entre a aspiração e a frustração, entre escolhas possíveis e sonhos impossíveis. Afinal, como nos mostram as histórias de Erica e Denise, os seus percursos são menos sobre planos e sucessos e mais sobre esperança. Porque parece que ser jovem nas periferias de Cabo Verde é sobretudo uma espera...

Bibliografia

AKESSON, Lisa, 2004, *Making a Life. Meanings of migration in Cape Verde*, Goteborg: Goteborg University.

CARLING, Jorgen, 2002, “Migration in the age of involuntary immobility: theoretical reflections and Cape Verdean experiences”, in *Journal of Ethnic and Migration Studies*, Vol. 28, No. 1: 5-42.

GIUFFRÈ, Martina, 2005, “Being a woman in Ponta do Sol: renegotiation of Cape Verdean Women Identity through the ‘Prism’ of the Outside World”, Communication at the *International Conference on Cape Verdean Migration and Diaspora*, Lisboa, CEAS-ISCTE.

Instituto Nacional de Estatística de Cabo Verde, 2004, *Perfil Demográfico, Socio-económico e Sanitário de Cabo Verde*, Praia, acessado em www.ine.cv a 29/05/08.

Instituto Nacional de Estatística de Cabo Verde, 2007, *Questionário Unificado de Indicadores de Bem Estar*, Praia, acessado em www.ine.cv a 01/07/08.

LOBO, Andréa de Souza, 2008, “A different kind of family. The Domestic Environment in Boa Vista Island, Cape Verde”, in *Vibrant*, Vol.5, No. 2: 147-176.

MARTINS, Filipe, no prelo, “The Places of Youth in Urban Cape Verde” in *Actas do VI Congresso Internacional de Investigação e Desenvolvimento Socio-cultural*, Melide, AGIR.

PAIS, José M., 1999, *Ganchos, tachos e biscates: jovens, trabalho e futuro*, Porto: Âmbar.

PAIS, José M., 2003, “The Multiple Faces of the Future in the Labyrinth of Life”, in *Journal of Youth Studies*, Vol. 6, No. 2: 115-126.

RODRIGUES, Isabel P. B. Fêo, 2007, “As mães e os seus filhos dentro da plasticidade parental: reconsiderando o patriarcado na teoria e na prática”, in GRASSI, M. e ÉVORA, I. (ed.) *Género e Migrações Cabo-Verdianas*, Lisboa: ICS, pp.123-146.

VIGH, Henrik, 2006, *Navigating Terrains of War. Youth and Soldiering in Guinea-Bissau*, New York: Berghahn Books.